

Fundamento de uma ecologia integral segundo

Teilhard de Chardin

Introdução

O conceito inovador de ecologia integral, consagrado pelo Papa Francisco na Carta Encíclica *Laudato Si, Sobre o cuidado da casa comum.*, encontra-se inspiradamente desenvolvido no seu capítulo IV, intitulado “Uma ecologia integral”

Segundo o Papa, a ecologia integral considera as interações dos sistemas naturais com os sistemas sociais e, por isso, requer uma abordagem holística das fragilidades da nossa casa comum. Porque todas as criaturas, os humanos, os animais, as montanhas, os oceanos, estão unidas no laço da Criação, “nunca será demais insistir, **tudo está interligado**. O tempo e o espaço não são independentes entre si; nem os próprios átomos ou as partículas subatômicas se podem considerar separadamente.” Citando o Génesis, o Papa continua: “Nós mesmos somos terra (cf. Gn 2,7). O nosso corpo é constituído pelos elementos do Planeta; o seu ar permite-nos respirar, e a sua água vivifica-nos e restaura-nos”. (2). Porém, o Papa reconhece que hoje são muitas as razões de inquietação porque “maltratámos e ferimos a nossa casa comum” e que “os gemidos da **irmã Terra** se unem aos gemidos dos **abandonados do mundo**, reclamando de nós outro rumo”. (53)

No capítulo II, intitulado ***O Evangelho da Criação***, o Papa debruça-se sobre o mistério do universo: “Neste universo, composto por sistemas abertos que entram em comunicação uns com os outros, podemos descobrir inumeráveis formas de relação e participação. Isto leva-nos também a pensar o todo como aberto à transcendência de Deus, dentro da qual se desenvolve.” (79) E, nesta perspetiva, afirma preferir “dizer Criação a dizer natureza, porque **a Criação tem a ver com um projeto do amor de Deus**, onde cada criatura tem um valor e um significado.” (76) “A criação pertence à ordem do amor. O amor de Deus é a razão fundamental de toda a criação.” (77) “**Ele está presente no mais íntimo de cada coisa**. ...Esta presença divina, que garante a permanência e o desenvolvimento de cada

ser (e o Papa cita São Tomás de Aquino) “esta presença é a continuação da ação criadora. (...) É pela arte divina inscrita nas coisas, que **as próprias coisas se movem para um fim determinado,**” (80)

E, mais adiante, no parágrafo 83 deste Evangelho da Criação, o Papa explicita esse fim determinado:

“A meta do caminho do Universo situa-se na plenitude de Deus, que já foi alcançada por Cristo ressuscitado, fulcro da maturação universal. E assim juntamos mais um argumento para rejeitar todo e qualquer domínio despótico e irresponsável do ser humano sobre as outras criaturas. O fim último das restantes criaturas não somos nós. Mas **todas avançam, juntamente conosco e através de nós, para a meta comum, que é Deus**, numa plenitude transcendente onde Cristo ressuscitado tudo abraça e ilumina. Com efeito, o ser humano, dotado de inteligência e amor e atraído pela plenitude de Cristo, é chamado a reconduzir todas as criaturas ao seu Criador.”

Este denso parágrafo, de natureza escatológica, remete explicitamente para o Cristo Cósmico, o Cristo Universal, o Pantocrator, em suma, o Cristo Ómega, fundamento da visão cristológica teilhardiana.

E, pela primeira vez num texto com a dimensão de autoridade que uma encíclica comporta, o Papa nomeia explicitamente o Pe. Teilhard de Chardin, reconhecendo a contribuição do seu pensamento para esta visão teológica.

Termino aqui a **introdução** ao tema que me foi dado tratar e que teve como objetivo esclarecer dois dos seus termos fulcrais:

- a conceção abrangente e inovadora de **ecologia integral** que estrutura a Encíclica *Laudato Si* do Papa Francisco mas que, de certo modo, como adiante veremos, o Pe. Teilhard antecipou,

e

- a **visão teológica** que a enquadra e que o Papa Francisco reconhece partilhar com o Pe. Teilhard de Chardin.

A VIDA E O PENSAMENTO DE THEILHARD DE CHARDIN

Passarei agora a falar da forma muito particular como o padre jesuíta perspetiva a ecologia, tendo em conta a sua experiência de vida como cientista e cristão, como cidadão do mundo e místico, como homem do seu tempo e profeta de um tempo futuro. Anteciparia que a sua mundividência ecológica decorre das intuições reveladoras que, ao longo da vida, inspiraram a sua busca de “um Cristo sempre maior” e cujos fundamentos teológicos estão, afinal, na essência do seu CREDO, como cristão e como jesuíta.

BIOGRAFIA

Começemos por rever, ainda que resumidamente, a biografia do padre Teilhard, como homem da Ciência e cidadão do Mundo e do seu Tempo, **ou como o identificou o Cardeal Henri de Lubac “Sábio, profeta e místico”**. (*La pensée religieuse du père P. T. de Chardin*).

Nasceu num círculo social aristocrático. Formou-se e fez parte das elites culturais, não só do seu país, como também do mundo. Ainda em jovem, conheceu o exílio forçado, mas também o prazer do estudo e da investigação científica. Viveu a violência e o sofrimento na frente de batalha, durante a primeira grande guerra. Escolheu a pertença à grande família jesuíta e sofreu obedientemente os confrontos com a hierarquia religiosa e a renúncia forçada ao magistério universitário. Conviveu e correspondeu-se com escritores, filósofos, artistas, cientistas de vanguarda. Criou amizades profundas, femininas e masculinas. Assistiu a descobertas revolucionárias nos domínios da Física e da Biologia: a Física Nuclear, que mostrou que matéria e energia são reversíveis e que, por isso, a matéria podia ser considerada como um campo de forças energéticas; a Biologia, que reconheceu a evolução biológica como a explicação preferencial para a história da Vida, e em cuja investigação participou ativamente. Viveu em Inglaterra, no Egipto, em Paris, em Nova York e viajou em missões científicas por toda a Ásia, pela África e pela América. Experimentou 23 anos de novos exílios na China, onde assistiu à brutal invasão japonesa e aos combates entre nacionalistas e comunistas, e onde esteve

forçadamente tido durante toda a segunda guerra mundial. Colaborou na gênese das Nações Unidas, proferiu numerosas conferências e participou em congressos em todo o mundo, Para além de inúmeras obras de caráter puramente científico, deixou um legado de três livros com publicação interdita e cento e noventa e seis ensaios de natureza filosófica e mística. Morreu em Nova York, num Domingo de Páscoa, Páscoa da Ressurreição, um desejo seu que misteriosamente se cumpriu. Foi um homem que interrogou o passado, viveu a história do seu tempo e que visionou o futuro.

PERCURSO ESPIRITUAL

Foi a investigação paleontológica que o conduziu a construir uma visão do mundo e foi essa visão do mundo que o levou a repensar o Cristianismo, numa procura incessante de coerência, de síntese total. A sua preocupação fundamental, o eixo do seu pensamento, foi aprofundar a relação entre dois polos: Deus e o Universo. Em diversos escritos, exprimiu a tensão interna, direi mesmo, o conflito interior vivido nesta confluência de duas vias a harmonizar: o Céu e o Mundo, a teologia e a Ciência, a Fé e a Razão, as duas asas do espírito. (tema brilhantemente desenvolvido por Gérard Donnadieu)

Ouçamos o seu testemunho quando, em 1916, em plena frente de batalha, experimenta a presença de Deus e escreve um texto de halo místico, “*A Vida Cósmica*”, que anuncia como “o meu testamento de intelectual” e que significativamente dedica “*À Terra Mater e por ela ao Cristo Jesus*”.

“Escrevo estas linhas por exuberância de vida e por necessidade de viver; para exprimir uma visão apaixonada pela Terra e para procurar uma resposta às dúvidas da minha ação. Porque amo o Universo, as suas energias, os seus segredos, as suas esperanças, e porque, ao mesmo tempo, me votei a Deus, Origem única e único Fim. Quero deixar que o meu amor pela matéria e pela vida se exprima, e quero harmonizá-lo, se possível, com a adoração exclusiva da única, absoluta e definitiva Divindade. Amor do Mundo e amor de Deus, como harmonizá-los numa dinâmica virtuosa que os honre e que não os diminua?”

Mais tarde, em 1934, no ensaio “*A minha Fé*”, o Padre testemunha o seu percurso interior:

“A originalidade da minha crença está em ela se enraizar em dois campos da vida que, habitualmente, são considerados como antagónicos. Por educação e formação intelectual, pertença aos “filhos do Céu”. Mas por temperamento e estudos profissionais sou um “filho da Terra”. Colocado assim pela vida no coração de dois mundos, - de que conheço por experiência familiar, a teoria, a língua e os sentimentos, - não ergui qualquer fronteira interior. Mas deixei que, no fundo de mim, reagissem livremente entre si duas influências aparentemente contrárias. Ora, ao fim desta operação, e após trinta anos consagrados à perseguição da unidade interior, tenho a impressão de que uma síntese se operou naturalmente entre as duas correntes que me solicitam. Isto não matou aquilo. Hoje, creio provavelmente melhor de que nunca em Deus, e sem dúvida mais do que nunca no Mundo.”

Cristologia Cósmica

Assim, como **Filho da Terra**, como geo-bio-paleontólogo, ao debruçar-se sobre o estudo do passado da Terra, T de C. descobre, nos eixos do espaço e do tempo, uma estrutura planetária que, embora de natureza física, se revela dotada de um potencial de espírito, a que, n’O Meio Divino, chama “o poder espiritual da matéria”. “O Meio Divino,” a sua obra-prima de espiritualidade, significativamente dedicada “Para aqueles que amam o mundo”. Matéria que ele define como “o conjunto das coisas, das energias, das criaturas que nos rodeiam”, ou seja, “o meio comum, universal, tangível, infinitamente móvel e variado em que vivemos mergulhados”. Nas suas palavras, “Santa Matéria que o Senhor empossou, salvou e consagrou”.

As partículas da matéria contêm, pois, um dinamismo que as impulsiona e faz evoluir para o aparecimento da Vida na Terra, evolução que culmina com a aparição do Homem – *O Fenómeno Humano*, título da outra obra magna de T de Chardin. E, com a Humanidade, revela-se a Noosfera, a poderosa esfera do pensamento constituída em torno da Terra. E na Terra,

imersa na imensidão do Cosmos, T de C. intui O Sentido Cósmico. E, por “Sentido Cósmico”, entende “A afinidade que nos religa ao Todo que nos envolve”.

Nesta vasta história da criação, de duração, multiplicidade e imensidão incomensuráveis, T de C. elabora uma síntese de todo o Real: um processo evolutivo de unificação do múltiplo, movido pela atração de um ponto Ómega, em direção ao qual a Matéria crescentemente se espiritualiza e onde o Homem surge como ponto culminante ou flecha da Evolução.

Como homem de fé, Filho do Céu, T de C., “completando e coroando os Sentidos Cósmico e Humano, vê um Sentido Crístico, aquele que nos põe em contacto com as energias espirituais irradiantes do Cristo Ómega, do Cristo Evolutor. Citando José Luís Archanjo Ph. D., “Cristo, Filho do Homem, Filho do Deus Vivo, o próprio Deus incarnado, que, tendo criado o Homem e o Mundo, amou-os tanto que deles se quis revestir, neles se quis manifestar historicamente, através deles transparece progressivamente e com eles será Plenitude eternamente. (...) Eis por que pode o Cristão amar o Homem e o Mundo: ambos estão impregnados da Presença Divina. Deus é o seu ambiente, a sua atmosfera a sua condição básica de vida e existência, o seu meio por excelência. Todo o Real é um só imenso “Meio Divino”. (fim de citação)

E é numa confissão de inspiração poética que o padre Teilhard exprime a descoberta da espantosa e libertadora harmonia da sua dupla filiação – Filho da Terra e Filho do Céu:

“O grande acontecimento da minha vida será a gradual identificação, no céu da minha alma, de dois sóis: sendo um destes astros o cume cósmico postulado por uma evolução generalizada, de tipo convergente, e o outro formado pelo Jesus ressuscitado da fé cristã. (L’Étoffe de l’Univers, 1953 p. 5)

Finalmente, no texto intensamente místico “A Missa sobre o Mundo”, T. de C. introduz a noção de eucaristização do Cosmos, pela qual Deus, através de Cristo Senhor do Mundo, conduz, transforma e se realiza na “santa

evolução, até ao momento final da Parusia em que se dará a consumação do Meio Divino e, conforme São Paulo, “Cristo será tudo em todos”.

De notar que a **visão** Cristológica de T. de C. foi considerada na sua época (e talvez ainda hoje, em setores mais tradicionais) uma ousada especulação, quando não, uma heresia. Porém, em 2009, o Papa Bento XVI, numa homilia proferida na catedral de Aosta, retomou a noção de eucaristização do Cosmos, nos seguintes termos: “É a grande visão que também teve Pierre Teilhard de Cardin. No fim, teremos uma verdadeira liturgia universal em que o universo se tornará em hóstia viva.” E, como já referi, o Papa Francisco retomou a visão cristológica do padre jesuíta, na Encíclica *Laudato Si*, ao tratar O Evangelho da Criação.

FUNDAMENTOS DA CRISTOLOGIA CÓSMICA

Se no seu tempo e ainda muitos anos depois, a Cristologia de T de C. deparou com suspeitas, reservas e censura de heterodoxia, foi-o injustificadamente. Jean-Marc Moschetta, num excelente estudo publicado em 2016, na revista *Teilhard Aujourd’hui* nº57, expõe rigorosamente os fundamentos teológicos do pensamento do padre Teilhard.

Sigamos, então, os passos dessa sustentação:

A visão cristo-cósmica de Teilhard começa por encontrar o seu fundamento no **Verbo criador** de S. João e na sua visão do **Cristo Ómega, da divinização do homem e da Parusia**. “No princípio (*arkhê* – Mt *genesis*) era o Logos e o Lógos estava com Deus e Deus era o Lógos.” (JOÃO 1). E, na sua epístola primeira: “Agora somos filhos de Deus, mas aquilo que havemos de ser ainda não é totalmente claro. O que sabemos é que, quando Jesus aparecer, haveremos de ser iguais a ele, porque havemos de o ver tal como ele é.” (I João 3,2) ¹

A Cristogénese de São Paulo constitui outro fundamento estruturante do pensamento teológico de T. de C.

¹ Porquê logos ou verbo? Para traduzir o denso sentido teológico de **razão divina em forma de homem – Jesus**.

Duas aceções: 1. PALAVRA - *Aquilo por meio do qual se exprime um pensamento racional = verbum, vox, oratio* 2. RAZÃO - *Aquilo que leva à formulação de um pensamento racional = ratio*

2. Parusia: fim do mundo fenomenal em que o ponto ómega, centro natural da convergência humana, e o Cristo Ómega, motor sobrenatural do mundo e Verbo eterno, irão coincidir e irão revelar-se como fazendo apenas um só. (cf Claude Cuénot)

Com efeito, nas **cartas paulinas** dirigidas às comunidades cristãs, o apóstolo revela o **plano de Deus para o universo**, a supremacia cósmica de Cristo e a **plenitude do cosmos em Cristo Ómega**: Na Carta aos Efésios, 1, 8-11, Paulo proclama “Pela sabedoria e entendimento, (Deus) deu-nos a conhecer os segredos da sua vontade e o **plano** generoso que tinha determinado realizar por meio de Cristo. Esse plano consiste em levar o universo à sua realização total, reunindo todas as coisas, tanto dos céus como da terra, tendo Cristo como cabeça e chefe. Deus vai realizando tudo conforme o plano por ele mesmo traçado.”

Para Paulo, **Cristo é o centro do universo** que outorga harmonia e coesão a toda a criação e confere ao mundo sentido e valor, conforme Col 1,14-17 – “O Filho é a imagem do Deus invisível: nascido do Pai antes da criação do mundo. Foi por Ele que Deus criou tudo o que existe no céu e na terra, o que se vê e o que não se vê. Foi por Ele e para Ele que Deus criou tudo. Já existia antes de tudo e é Ele que dá consistência a tudo o que existe.”

De facto, já em 1924, no ensaio “*O meu Universo*”, T. de C. escrevia: “Considero quase impossível ler S. Paulo sem ficar deslumbrado pela visão que subjaz às suas palavras acerca do domínio universal e cósmico do Verbo encarnado”.

T de C. também se sentia identificado com a tradição dos **padres gregos**, especialmente com Ireneu de Leão e Gregório de Nisa, que ele cita em *O Meio Divino*. (herança espiritual já sublinhada por Donnadieu) Segundo a antropologia cristológica dos padres da Igreja, Jesus Cristo é a plenitude da vida que eleva a condição humana à condição divina, de acordo com o relato evangélico de João (10, 10): “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância”. Nas palavras (sorridentes) de **Ireneu**, na sua obra *Adversus Haereses*, “A glória de Deus é o homem vivente e a vida do homem é a manifestação de Deus. Ora, se a manifestação de Deus que acontece na Criação dá vida a todos os seres que existem na terra, muito mais a manifestação do Pai, mediante o Verbo, dá a vida aqueles que contemplan a Deus”. (citado por)

Outra fonte de iluminação teológica para T de C. foi o património cristológico franciscano. Justificadamente proclamado “padroeiro da

Ecologia” pelo Papa João Paulo II, São Francisco de Assis encanta o padre T. pela sua espiritualidade de acolhimento, o seu fraterno amor à Natureza, à Terra-Mãe e à Criação, tudo sinal da bondade de Deus, tão magnificamente expressos no Cântico das Criaturas” *Laudato sie, mi Signore, cum tucte le tue creature*”

O Pe. Gabriele Allegra, na sua obra *“Le mie conversazioni con T de C.”*, *“Il primato de Cristo in San Paolo e Duns Scotto”*, testemunha como, durante três anos de convívio em Pequim, em que ambos debateram a questão do Primado absoluto e universal de Cristo, as grandes intuições do padre jesuíta se consolidaram; à luz da visão do Doutor Subtil, o “Grande Cristo Cósmico”, o “Mistério da Encarnação do Verbo” e o poder do Amor operativo, harmonizavam-se com a visão de Teilhard do Cristo Ómega e o novo conceito de Criação decorrente do paradigma evolutivo.

E como não lembrar também São Boaventura, que compartilha com São Francisco de Assis o amor e a alegria pelo criado, pela beleza da criação de Deus, a qual fala em voz alta de Deus, do Deus bom e belo, do seu amor? Para o Doutor Seráfico, na matéria existe um potencial espiritual para receber o Verbo divino no seu interior; daí que use o termo “matéria espiritual” para descrever a orientação da matéria para o espírito. De acordo com Zachary Hayes, citado por Ilia Delio, esta “relação essencial entre encarnação e criação dá-nos a chave para entender a cristologia cósmica num universo evolutivo”.

Relendo mais uma vez o texto referencial que é *“O Meio Divino”*, podemos ainda encontrar, no seu capítulo final, uma nova identificação de T de C. com a ascese franciscana, confessada ao citar o arroubo místico de Santa Ângela de Foligno: “Contemplei a plenitude de Deus, na qual vi e compreendi a totalidade da criação. E a alma, embargada de admiração, soltou um grito: !ESTE MUNDO ESTÁ GRÁVIDO DE DEUS!

Tal como Teilhard, também a teóloga americana Ilia Delio (*Cristo en evolución*, 2008), entendeu este grito de êxtase da consagrada “mestra de teólogos” como a visão do Cristo cósmico, residente não só no coração do universo, como também no mundo material: Cristo resplandecendo através do cosmos e da matéria!

Porque acreditou que seria esta a teologia do futuro, Teilhard encontrou a via que harmonizou o seu amor pelo Mundo e a sua maior adoração por Deus, o dilema que durante muito tempo parecia impor-lhe uma só escolha. Encontrou a via de **“uma mística da travessia”**: **“atingir o Céu pela construção da Terra, Trabalhar com Deus para a cristificação da Matéria. Cristificar a Matéria”**, sendo cocriadores com Cristo (*“O Coração da Matéria*, 1950). Ir **“Ao Céu pelo acabamento da Terra”**. (*Pesquisa, Trabalho e Adoração*, 1955)

E destaco, ainda, a influência reveladora que foi para Teilhard de Chardin a visão teológica do **cardeal Newman**, cuja obra *“Apologia”* foi seu livro de cabeceira durante a guerra. (conforme Jean Onimus, *“Pierre Teilhard de Chardin ou La foi au monde”* (21-2)). Em *“Génèse d’une Pensée”*, (145), é com as seguintes palavras que Teilhard reconhece essa afinidade eletiva: **“Uma multidão de ideias de Newman (...) tão abertas, tão francas, tão realistas, entrou no meu espírito como numa morada desde há muito habitada por elas.”** A intuição da **relação entre Fé e Ciência**, a **teoria do desenvolvimento do dogma** (a pertinência de **pensar historicamente a teologia**) e, em particular, a sua **Visão “crística” do universo** foram iluminações que Teilhard encontrou no Beato Newman (2010). **“Viver é mudar, e a perfeição é o resultado de muitas transformações.”** Podemos imaginar quanto este pensamento lapidar de Newman teria fascinado o Padre Teilhard?

Visão ecológica

Chegados aqui, perguntarão os que me estão a ouvir: **“Então como se insere na cosmovisão teilhardiana a problemática da Ecologia integral?”**

No conjunto da vastíssima obra de Teilhard de Chardin, o termo ecologia não surge explicitamente. Também não encontramos juízos catastróficos sobre uma **influência negativa da atividade humana no equilíbrio natural** e são absolutamente pontuais **as referências a uma crise ambiental**. De modo algum encontramos vestígios de uma abordagem da **questão ecológica** na dimensão superficial e redutora que, até aos nossos dias veio a ser vulgarizada: uma ecologia centrada apenas na Natureza, que, pela negativa, apela a sentimentos de medo e a visões de catástrofe. Neste

campo, assume importância o valioso contributo de Gérard Donnadiu, publicado na revista *Teilhard Aujourd'hui*, nº 57, já citada anteriormente, onde identifica algumas previsões proféticas de Teilhard. Embora, como visionário, Teilhard tenha antecipado os perigos de uma eventual perversão das regras da Noosfera (F. H. 285 e G. H. Baudry, *Le Credo de Teilhard*, 102), que fatores extremos poderiam potenciar, tais como um crescimento demográfico intenso, as perspectivas de escassez de recursos, hipotéticas derivas de uma investigação prometeica não controlada, nomeadamente no campo da biotecnologia ou da energia nuclear, a ameaça de mudanças climáticas destrutivas, os efeitos devastadores da guerra, os riscos dos totalitarismos opressivos ou do uso imoral da riqueza, Teilhard olhou sempre mais além; e **é nesse olhar que o conceito de ecologia integral, na sua aceção mais ampla, mesmo sem assim ser nomeado, está presente, não só no plano científico, ou seja, na sua leitura do fenómeno, como no plano do seu pensamento teológico, na sua Cristologia.** Assim, segundo o filósofo Bernard Vergely, Teilhard concebe **“uma ecologia espiritual, mística e crística, que nos convida a habitar a Natureza na dimensão mística e não apenas na dimensão política”**. Diria que a sua originalidade se encontra não só na síntese totalizante que harmoniza as duas perspectivas, e que T. designa por **“Espírito da Terra”**, mas, mais ainda, nas direções que aponta para as **“condições de sobrevivência”** que se colocam à Humanidade, e que o Homem, como **cocriador**, tem a responsabilidade de concretizar. É por isso que Teilhard assume, perante as ameaças, os dilemas, os momentos de crise, material ou espiritual, ... *“A Grande opção”* de um otimismo esperançoso e construtivo, atitude que ele resume *“em cinco palavras: Uma grande esperança, em comum.”*(87)

Em suma: Para lermos esta visão da ecologia em Teilhard, temos de aceder ao convite que ele nos propõe na Introdução ao seu livro *O Meio Divino*: **“uma educação do olhar”** para, na senda de São Paulo, podermos ver que

“Deus não está longe de cada um de nós. É nele que temos a vida e nos movemos e existimos” (At. 17, 27-28)

QUESTÕES de LINGUAGEM

Porém, ainda antes de iniciar a leitura de alguns textos exemplares do padre Teilhard, gostaria de fazer uma breve referência à forma como ele se exprime, ao seu estilo, ou seja, aos géneros discursivos e à linguagem da sua escrita, aspeto já aludido pelo Michel Renaud, mas a que eu quero acrescentar um comentário.

Citando o teólogo M. E. Wildiers, (notável especialista teilhardiano e autor de grande número de prefácios às suas obras), quando Teilhard pretende «expor a sua conceção cristo-cósmica do mundo, fala expressamente de um ___ “testemunho baseado numa certa experiência pessoal” (Le Chistique, 1955) e, na sua autobiografia, *Le Coeur de la matière* (1950), julga ___ “relatar uma experiência psicológica direta – justamente refletida o bastante para se tornar objetivo e indiscutível de documento vivido.”» «” Cristificar a matéria... é toda a aventura da minha existência íntima...Uma grande e esplêndida aventura.”» ___ Esta frase de Teilhard reflete significativamente a sua experiência pessoal, o “clima espiritual” em que viveu: Do meio científico em que se moveu, importa a busca da objetividade, traduzida no método de pensar e nos termos e noções que utiliza; Por outro lado, a busca existencial, a que toda a vida se dedicou de alma e coração, ou seja, as relações entre o Deus pessoal do Cristianismo e o Universo, exprime-se apaixonadamente, dando largas à subjetividade: “Cristificar a Matéria”. É esta confluência de experiências que explica, tanto o recurso às analogias frequentes procuradas nas categorias e terminologia das ciências, como ao discurso poético, próprio dos místicos, para dizer o indizível, o inefável da procura e do encontro com a transcendência. Como ontem aqui lembraram a Elisabete e o José Manuel, a poesia é a forma eleita de discurso expressivo, da fé profunda, da beleza exaltante, do amor de Deus. Lembremos os *Salmos* ou o *Cântico dos Cânticos* do Antigo Testamento... ou as *Bem Aventuranças* na narrativa de São Lucas... ou a abertura do Evangelho segundo São João... E, de Teilhard, *O Hino à Matéria*, *A vida Cósmica*, *O Meio Divino*, *A Missa sobre o Mundo*, *O eterno Feminino*, *A prece a um Cristo sempre maior*, entre inúmeros segmentos poéticos que se interligam com textos de natureza mais discursiva e abstrata, para melhor comunicarem o conteúdo que pretende exprimir.

Gera dificuldades de leitura à teologia especializada? Por vezes suscita “irritação” como aludiu o Cardeal de Lubac na sua grande obra *La pensée religieuse de Teilhard de Chardin*?

Mas esse foi também o preço que Teilhard ousou pagar, ao aproximar a linguagem teológica da cultura e dos interesses do mundo moderno...

Na verdade, ele próprio se reconheceu na encruzilhada de uma nova expressão do pensamento cristão:

“Poeta, filósofo, místico, não se pode ser um sem o outro (1923, X, *Panthéisme et Christianisme*)

Alguns textos exemplares da visão ecológica de Teilhard de Chardin

Convoquemos, então, a leitura de alguns **textos de Teilhard** porque nos podem ajudar a entender a sua **visão** muito particular da **ecologia**, uma visão que, como acabei de afirmar, exprime o cerne da mais autêntica **Ecologia integral**. Os **textos** serão apresentados pela ordem cronológica da respetiva escrita e, obedecendo ao pensamento discursivo do padre Teilhard, apresentam sempre uma estrutura idêntica: descrição da situação de crise, questionamento das suas causas, discernimento de como agir.

A sua obra *L'Énergie humaine*, inclui um texto reveladoramente intitulado *L'Esprit de la Terre*, escrito em 1931, que é fundamental para a problemática que estamos a tratar. Constitui uma reflexão sobre “o mistério da vida e a questão essencial do Futuro, a partir do que, ao longo de cinquenta anos a Religião e a Ciência me ensinaram”, segundo a sua própria expressão.

Assim, T., partindo da **informação que a Ciência** do seu tempo disponibiliza, e observando os fenómenos, apresenta um diagnóstico do **estado de crise** em que a Terra se encontra. Seguidamente, levanta uma série de interrogações essenciais, para as quais adianta hipóteses de saída:

“Hoje, na sequência de uma rotura rápida de equilíbrio, que quase não sentimos estar a acontecer, começamos a aperceber-nos de que o Homem-individual se tornou, de certo modo, o subordinado da sua obra. Não são

somente a máquina, o campo, o ouro – mas também elementos que eram primitivamente considerados de simples luxo ou de pura curiosidade (tal como os meios de circulação rápida, ou os laboratórios de investigação...) que se tornaram uma espécie de coisas autónomas dotadas de uma vida exigente e ilimitada. – E o mais inquietante (deve dizer-se, o único inquietante) é que esta proliferação parece acontecer sem ordem, tal como um tecido que se reproduz a ponto de asfixiar, sob o seu neoplasma, o organismo sobre o qual nasceu. A crise é manifesta tanto do ponto de vista económico como social. Mas ela atinge igualmente as zonas intelectuais e afeta a própria massa humana. (...) O Mundo não pode funcionar sem produzir seres vivos, alimentos, ideias. Mas a sua produção excede, cada vez mais, a sua capacidade de consumir e de assimilar. "(...)

E Teilhard questiona-se: “O Mundo, ao crescer, não estará condenado a morrer, asfixiado sob o excesso do seu próprio peso?”

Mas imediatamente se apressa a responder: “Não, de maneira nenhuma: nesta crise de crescimento, emerge prontamente a alma que, pela sua aparição, virá organizar, aliviar, vitalizar esta acumulação de matéria estagnante e confusa. Ora esta alma, a existir, não pode ser senão a “conspiração” dos indivíduos que se associam para acrescentar um novo nível ao edifício da Vida. Os recursos de que dispomos hoje, as potências que desencadeámos, não poderiam ser absorvidas pelo sistema estreito dos quadros individuais ou nacionais de que os arquitetos da Terra humana se têm até agora servido. (...) A idade das nações passou. Para nós, se não queremos perecer, trata-se de sacudir os antigos preconceitos e de **construir a Terra**”.

E coloca-se a pergunta “Qual é o **“Sentido da Terra?”**”

Para Teilhard, “**O Sentido da Terra**” significa a intuição pela qual nos descobrimos solidários da estrutura planetária que leva a humanidade, num destino comum, a constituir, em torno da Terra, a esfera do pensamento, a Noosfera. Na sua aceção plena, conduz ao “**Espírito da Terra**” que, para Teilhard, “consiste na **unanimidade humana** no seio da qual cada pessoa, diferenciada ao extremo, será, contudo, a expressão -

parcial mas insubstituível – de uma totalidade espiritual específica da Terra.”

O volume V da sua obra publicada, *“L’Avenir de l’Homme»*, reúne vários escritos sobre a construção do mundo futuro. Nele está integrada a conferência proferida em Pequim, na Embaixada francesa, no ano de 1945, o sexto ano da segunda grande guerra, subordinada ao tema interrogativo –*“Vie et Planètes”, Que se passe-t-il en ce moment sur la Terre ?»*(115)

“Neste momento, entramos numa **fase particularmente crítica** de superhumanização. (...) Ascensão envolvente das massas; constrangimento crescente das redes económicas; *trusts* intelectuais ou financeiros; totalização dos regimes políticos; acotovelamento, como numa multidão, tanto dos indivíduos como das nações; impossibilidade de ser, de agir, de pensar por si só;... Todos estes tentáculos duma sociedade em crescimento vertiginoso, a ponto de se tornar monstruosa”(132)

Perante este **quadro de crise**, Teilhard vislumbra uma explicação esperançosa: “Que aspeto toma aos nossos olhos desiludidos, senão a de uma crise de parto, proporcional à enormidade do nascimento esperado? (...) Pois bem, é aqui que intervém “providencialmente”, para animar a nossa coragem, a ideia, a esperança de que um imenso resultado nos espera, mais longe, em frente.(...) Que a humanidade veja abrir-se no horizonte mais um espaço para o seu desenvolvimento. Que cada um de nós possa dizer-se que trabalha para que o universo se eleve, nele e por ele próprio, a um grau superior. E então é uma nova pulsação de energia que invade o coração dos trabalhadores da Terra.” (134-6)

A violência e a desordem da **guerra**, que atenta contra a Humanidade e contra a Terra, a nossa casa comum, inspira a Teilhard uma leitura mais ampla do fenómeno, mais distanciada, se assim se pode dizer:

...”E, por fim, esta guerra; esta guerra que, pela primeira vez, na história, é tão extensa como a Terra; este conflito, em que, através dos oceanos, se entrechocam blocos humanos tão vastos como os continentes; esta catástrofe que nos dá a impressão de perdermos o pé” (135)... “Há já cinco anos que a Terra humana treme, se dilacera e se reforma, em blocos

imensos, debaixo dos nossos pés e, em nós, começa a despertar a consciência de que somos joguetes de energias que ultrapassam milhões de vezes as nossas liberdades individuais. Mas este conflito não é um episódio local e momentâneo, um reajustamento periódico de equilíbrio entre nações. O que neste momento estamos a viver e a sofrer são, incontestavelmente, acontecimentos ligados à evolução geral da vida terrestre, - acontecimentos de dimensões planetárias. (117)

No ensaio *“Réflexions sur le Progrès”*, de 1941, reage à tentação de uma leitura pessimista e imediata da guerra em marcha, vendo nela um “ponto crucial da evolução humana”: “Esta guerra não exprimirá precisamente a tensão, a desunião interior da Humanidade em conflito consigo mesma, no momento de escolher o seu futuro, nesta encruzilhada de caminhos?...” (89)

E interroga: - “Mas então, qual é o nosso destino?”

No ensaio *“Le rebondissement humain de l’Évolution et ses conséquences”* de 1947, também integrado na obra *L’Avenir de l’Homme*, T. alerta novamente para o que ele chama uma nova fase da evolução humana: a construção orgânico-social da Noosfera e a exigência dela decorrente de “quebrar o círculo infernal do egocentrismo... para que a pessoa não seja anulada na enorme pluralidade humana. Se assim não acontecer, quem poderia enumerar a enorme cadeia de efeitos nefastos que esse isolacionismo causaria no seio da totalização em curso da humanidade? “Leis de ferro ligando em rede os fatores económicos, recorrência invencível dos nacionalismos, inevitabilidade das guerras, insolúveis conflitos hegelianos “do senhor e do escravo”... (237)

E, mais uma vez, na obra *“O Fenómeno Humano”*, no capítulo – A sobrevida, O espírito da Terra (1947), Teilhard repete preocupações idênticas.

Em 1948, no texto *“Les directions et les conditions de l’avenir”*, também integrado na obra *L’Avenir de l’Homme*, Teilhard volta a interrogar a situação em se encontra a Humanidade e enuncia quais lhe parecem ser as condições de sobrevivência:

« Penso que é preciso prestar a maior atenção aos gritos de alarme como o que Mr. Farsfield Osborn lançou no seu livro intitulado “ O nosso planeta em situação de pilhagem”. “No nosso afã de avançar, não estaremos a queimar imprudentemente as nossas reservas, ao ponto de, amanhã, o esgotamento de recursos suspenda o nosso desenvolvimento?... No domínio da energia física, e mesmo das substâncias inorgânicas, a Ciência entrevê, ou mesmo dispõe já de sucedâneos inesgotáveis para o carvão, o petróleo e certos metais. Mas, em matéria de produtos alimentares, quanto tempo será preciso para que a Química (se acaso algum dia ela lá chegar) consiga alimentar-nos diretamente a partir do carbono, do azoto e de outros elementos simples?... E entretanto a população do globo cresce verticalmente, - e a terra arável é destruída em todos os continentes. Tenhamos cautela: nós ainda temos pés de barro...(.)

e Teilhard questiona:

“Ajudados pela Ciência ... saberemos transpor esta fronteira perigosa?”(264-6))

A resposta que encontra integra a ajuda da Ciência, mas vai muito mais longe: “Só uma **união realizada pelo amor** e no amor (entendido como mútua afinidade interior), só essa forma de união, - porque aproxima os seres, não superficialmente, tangencialmente, mas centro a centro – tem fisicamente a propriedade de diferenciar, mas também de personalizar, os elementos que organiza. (...) A Humanidade não será capaz de se encontrar e de se formar sem que os homens cheguem a amar-se uns aos outros, no próprio ato da sua aproximação.” (267)

Esta procura da **comunhão, animada pelo amor**, a grande força de construção, deve exprimir-se face aos outros, na convergência das diferenças, ou seja, na **caridade**, na compreensão recíproca, mas deve exprimir-se também na relação com o planeta, no respeito pela criação. Esta teia de relações implica “uma nova Ética da Terra”, que Teilhard designa por “**moral de movimento**”, definindo-a como “uma crescente tomada de consciência da responsabilidade do “**Por que Agir**” e “**Como Agir**”. E os princípios por que se rege o bom Agir são determinados pela sua capacidade de “**concorrer para o incremento espiritual da Terra**”.

Porém, para se realizarem, esta Comunhão e a “nova “Ética parecem ultrapassar as nossas próprias forças...Mas Teilhard confia que elas se vão fazendo pela ação de um polo transcendente universal, uma força que nos atrai e nos indica o caminho: **O Cristo Ómega**.

E é assim que, no texto *O Fenómeno Cristão*, complemento final da grande obra que é *O Fenómeno Humano*, o padre Teilhard define O Cristo Ómega:

“Princípio de vitalidade universal, o Cristo, surgido homem entre os homens, ...) por uma ação perene de comunhão e de sublimação, agrega a si próprio o psiquismo total da Terra. E quando tiver assim reunido e transformado tudo, alcançando num gesto final o foco divino donde jamais saiu, (...) então, como nos diz São Paulo, “já não haverá senão Deus, tudo em todos”. (296)

PRECES FINAIS

Gostaria de terminar com o mesmo espírito de fé, de esperança e de alegria que inspirou Teilhard na sua visão do Mundo, tão necessário nesta fase preocupante que agora estamos a viver.

Vou, então, ler um verdadeiro hino à Fé, à Esperança e à Caridade, que está no final da encíclica *Laudato Si* do Papa Francisco, simultaneamente de inspiração paulina, franciscana e...teilhardiana:

Para além do sol

No fim, encontrar-nos-emos face a face com a beleza infinita de Deus (cf. I Cor 13, 12) e poderemos ler, com jubilosa admiração, o mistério do universo, o qual terá parte connosco na plenitude sem fim. Estamos a caminhar para o Sábado da eternidade, para a nova Jerusalém, para a casa comum do Céu. Diz-nos Jesus: “Eu renovo todas as coisas” (Ap 21,5). A vida eterna será uma maravilha compartilhada, onde cada criatura, esplendorosamente transformada, ocupará o seu lugar e terá algo para oferecer aos pobres definitivamente libertados». (243)

E termino, finalmente, com o apelo místico do padre Teilhard que o teólogo Gustave Martelet reconheceu como “Profeta de um Cristo sempre maior”:

«Prece ao Cristo sempre maior»

«SENHOR, porque, com todo o instinto e através de todas as ocasiões, na minha vida, jamais deixei de Vos procurar e de Vos colocar no coração da Matéria universal, será no deslumbramento de uma universal Transparência e de um universal Abrasamento que terei a alegria de fechar os olhos...(...)»

E que, por Diafania e Incêndio, se revele a vossa Presença universal.

Ó Cristo sempre maior ! »

(Teilhard de Chardin, “Le Cœur de la Matière », 1950)